

Intervenções inter/multidisciplinares em crianças disléxicas

Inter/multidisciplinary interventions in dyslexic children

DOI:10.34117/bjdv7n2-325

Recebimento dos originais: 17/01/2021

Aceitação para publicação: 17/02/2021

Wanda Luzia Caldas de Brito

Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade São Luís (EAD) - MA,
E-mail: wandaluzia1315@gmail.com

Maria Josefina Ferreira da Silva

Especialista em gestão Educacional pela Faculdades Integradas Ipiranga, ADEPA/FIPI -
PA,
E-mail: mjosantos76@gmail.com

Márcia Cardoso Lima

Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú, UVA – CE,
E-mail: marcyclima@gmail.com

Erivelton da Silva Lopes

Mestrando em Educação Especial, Instituto de Estudos Superiores de Fafe - PT,
E-mail: eriveltonlopes89@gmail.com

RESUMO

Este artigo aborda questões relacionadas à dislexia e suas formas de Intervenções Inter/Multidisciplinares em crianças em idade escolar, evidenciados por profissionais da área da educação e saúde, pois é um distúrbio/transtorno de aprendizagem que afeta crianças em todos os níveis educacionais, dificultando à leitura e escrita. Nesse contexto objetivou-se analisar os papéis dos outros profissionais em relação à dislexia, identificar as maneiras para minimizar as dificuldades que esta pode acarretar. O trabalho foi de cunho bibliográfico, onde foram analisadas pesquisas em trabalhos acadêmicos e autores com acentuados conhecimentos sobre o tema. Os resultados evidenciaram que é muito importante para pais e educadores identificar a dislexia, saber quais suas consequências para o desenvolvimento da criança e buscar auxílios através de intervenções de forma contínua e precoce. Observou-se que é preciso que sejam elaborados documentos que possam oferecer aos educadores dados concretos sobre intervenções eficientes que proporcione ao trabalho docente um ambiente favorável ao ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Intervenções Multidisciplinares, Crianças disléxicas, Dislexia, Escrita, Leitura.

ABSTRACT

This article addresses issues related to dyslexia and its forms of Inter/Multidisciplinary Interventions in school-age children, evidenced by professionals in education and health, as it is a learning disorder/trouble that affects children in all educational levels, hindering reading and writing. In this context, the aim was to analyze the roles of other professionals in relation to dyslexia, and to identify ways to minimize the difficulties it may cause. This

was a bibliographic study, where researches in academic works and authors with strong knowledge about the theme were analyzed. The results showed that it is very important for parents and educators to identify dyslexia, to know what its consequences are for the child's development, and to seek help through early and continuous interventions. It was observed that it is necessary that documents be prepared that may offer educators concrete data on efficient interventions that provide the teaching work with a favorable environment for teaching-learning.

Keywords: Multidisciplinary Interventions, Dyslexic Children, Dyslexia, Writing, Reading.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde define a dislexia como: um distúrbio na aprendizagem, que está especificamente ligada à leitura, não explicada por déficit de inteligência, e outros tipos de problemas sensoriais, sociais ou emocionais, visual ou auditiva (MUSKAT e RIZZUTTI, 2012). A intervenção precoce e contínua pode atenuar os índices do fracasso escolar, pois a aprendizagem deve ocorrer paulatinamente, no decorrer de cada ano, a fim de aprimorar o conhecimento do aluno, mas para que isto aconteça de forma positiva, é necessário que os educadores estejam conscientes das dificuldades de aprendizagem e/ou transtornos que podem surgir entre os alunos. A falta de um diagnóstico precoce retarda ainda mais a aprendizagem, levando algumas crianças a serem consideradas preguiçosas, desatentas, sem nenhum empenho em aprender. Por isso, é primordial que o diagnóstico seja realizado por uma equipe Inter/Multidisciplinar, para o quanto antes especialistas busquem meios/métodos para facilitar o ensino-aprendizagem da criança disléxica. Capellini et al. apud Fukuda e Capellini (2012) lembra que algumas pesquisas realizadas, desde a década de 80, descrevem a necessidade da realização de programas de intervenção, também conhecidos internacionalmente como programas de remediação por enfatizarem o ensino da relação letra-som e das habilidades metalinguísticas necessárias para a aprendizagem do sistema de escrita com base alfabética. Habitualmente diz-se que uma criança é disléxica quando encontra dificuldades na aprendizagem da leitura apesar de ter um desenvolvimento intelectual adequado para esse processo. Com isto, referem-se às crianças que têm um atraso de dois ou mais anos na aprendizagem da leitura e que pode ser devido a fatores emocionais, motivacionais, socioculturais ou educativos. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo identificar os tipos e formas de Intervenções Inter/Multidisciplinares em crianças disléxicas em idade escolar.

2 HISTÓRIA E CONCEITO DA DISLEXIA

De acordo com Shaywitz (2006), há um registro, no ano de 1676, do médico alemão Johann Schmidt (1649-1690)⁸, a respeito da perda da habilidade de leitura em um homem de 65 anos após um acidente vascular cerebral (AVC). Entretanto, diferentes pesquisadores atribuem o pioneirismo ao trabalho de Joseph Jules Dejerine (1849-1917), neurologista francês que descreveu as dificuldades de um adulto que perdeu a habilidade para a leitura, mas preservou a capacidade de compreender e expressar-se verbalmente, após uma lesão cerebral também provocada por um AVC. O caso clínico de Dejerine ocorreu no ano de 1887 e ele denominou o fenômeno como cegueira verbal pura, postulando a existência de um centro visual para as letras situado na região occípito-temporal esquerda (DEHAENE, 2012)..

A palavra dislexia possui origem grega e significa dificuldade na leitura (OLIVIER, 2006). Vale mencionar que a dislexia pode ser compreendida como a dificuldade que a criança possui em leitura e escrita. Portanto, quando um educando apresenta problemas na leitura e na escrita, serão facilmente relacionadas a dislexia. Entretanto, o conceito de dislexia apresenta-se mais complexo do que uma simples dificuldade no ato da leitura.

A definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002, refere-se à dislexia do desenvolvimento como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

De acordo com o DSM IV (1995), a dislexia é definida como um transtorno específico de aprendizagem, caracterizado por desempenho escolar na leitura e escrita inferior ao esperado para a idade cronológica, escolaridade e ao nível cognitivo/intelectual do indivíduo.

3 O DISLÉXICO NA ESCOLA

A escola é um ambiente que deve garantir a escolarização das crianças para que no futuro, sejam pessoas bem sucedidas profissionalmente, mas para que isso aconteça é preciso um olhar atento e humano por parte do docente. É a partir desta observação o ponto de partida para uma intervenção pedagógica destinadas aos educandos que apresentam algum distúrbio relacionado à aprendizagem. Desse modo, uma questão a ser

respondida é: que ferramentas utilizar de forma a proporcionar um ambiente propício à aprendizagem, respeitando as individualidades de cada aluno?

Na busca pelas respostas, é fundamental não tratar o aluno como um “objeto”, cujos limites já estão estabelecidos por algum tipo impreciso de diagnóstico/distúrbio; deve-se focar as ações no que a criança é capaz de alcançar, valorizando o seu desempenho escolar.

A inclusão do aluno disléxico na escola, como pessoa portadora de necessidade especial, está garantida e orientada por textos legais e normativos.

A lei 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB) dispõe no artigo 12 que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas mais comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento. Aos docentes, cabe a tarefa de zelar pela aprendizagem dos alunos.

Para Piaget (1990), o aluno é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, formula hipóteses, reorganiza, reconstrói e constrói, em ação interiorizada (pensamento), ou em ação efetiva, segundo seu nível de desenvolvimento. Para Vygotsky (1987), é o sujeito que constrói nas relações cotidianas as leituras de mundo necessárias para a resposta de seu tempo.

Segundo Fonseca (1995), o professor das séries iniciais deve ele próprio construir os seus instrumentos de diagnóstico pedagógico.

Somos de opinião que o professor primário deve ele próprio construir os seus instrumentos de diagnóstico pedagógico (diagnóstico informal) a fim de conduzir a sua atividade mais coerentemente... é do maior interesse o uso de instrumentos que permitam detectar precocemente qualquer dificuldade de aprendizagem, pois só assim uma intervenção psicopedagógica pode ser considerada socialmente útil, pois quanto mais tarde for identificada a dificuldade, menos hipóteses haverá para solucionar corretamente.

Mas, para isto, é necessário que a escola seja democrática e esteja informada dos tipos de distúrbios de aprendizagem que existem, por exemplo, a dislexia, que se não for diagnosticada o quanto antes poderá acarretar uma série de desconfortos para a vida escolar e social destas crianças, afetando diretamente o equilíbrio emocional.

Rodrigues e Ciasca (2016), destacam o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5, que diz que a dislexia está inserida em uma categoria mais ampla, denominada “Transtornos do Neurodesenvolvimento”, onde é referenciada como um “Transtorno Específico de Aprendizagem”. Rodrigues e Ciasca (2016) explicam que:

Segundo o manual, o seu diagnóstico requer a identificação de pelo menos um dos seguintes sintomas: 1. Leitura de palavras é feita de forma imprecisa ou lenta, demandando muito esforço. A criança pode, por exemplo, ler palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta (ou lenta e hesitante); frequentemente, tenta adivinhar as palavras e tem dificuldade para soletrá-las; 2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido. Pode realizar leitura com precisão, porém não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido; 3. Dificuldade na ortografia, sendo identificado, por exemplo, adição, omissão ou substituição de vogais e/ou consoantes; 4. Dificuldade com a expressão escrita, podendo ser identificados múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprego ou organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza.

Os sintomas da dislexia que os alunos em idade escolar frequentemente apresentam são divididos em quatro tipos, demonstrados no Quadro 1.

Quadro 1 – Sintomas frequentes em alunos disléxicos

Primário:	Problema com leitura e soletração, problema na codificação fonológica da linguagem escrita.
Correlatado:	Problemas nos processos da linguagem (articulação, rotulação, memória verbal a curto e longo prazo).
Secundário:	Baixo desempenho em compreensão da leitura e em matemática, autoestima baixa, inversão de letras, diferenças no movimento dos olhos durante a leitura.
Artificial:	Problemas com a atenção, delinquência e problemas viso espaciais.

Fonte: Elaboração própria com base em D'Affonseca (2005).

Para Frank (2003), o sentimento de frustração e fracasso que o indivíduo vivencia, enquanto negocia sua vida com a dislexia, pode aparecer de várias formas, sentimentos comuns que irão reafirmar de tempos em tempos, seja ao abordar seus trabalhos escolares ou ao interagir com colegas e familiares. Por isso, o professor deve incentivar o aluno a restaurar a sua confiança em si próprio, valorizando o que ele gosta e faz bem feito.

Ainda, vale ressaltar alguns tipos de tipos de Dislexia

4 TIPOS OU FORMAS DE INTERVENÇÕES

4.1 PSICOLOGIA

Van Der Veer & Valsiner (1996) destacam que Vygotsky tentou mostrar que a criança incorpora instrumentos culturais através da linguagem e que, portanto, os processos psicológicos afetivos e cognitivos da criança são determinados, em última instância, por seu ambiente cultural e social. Quanto à leitura, Topczewski (2000) considera que crianças disléxicas apresentam leitura lenta, trabalhosa, feita pausadamente, dificultando a interpretação do texto. Além disso, alguns sinais podem surgir, como os apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Sinais de dislexia em crianças

Fala	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gagueira, dificuldade na articulação das palavras. 2. Inversões de conceito (primeiro – último etc) 3. Pobreza de vocabulário. 4. Retardo no seu desenvolvimento. 5. Incapacidade de recordar nomes. 6. Uso de palavras ou frases sem sentido. 7. Incapacidade de responder a perguntas rápidas. 8. Incapacidade de cumprir ordem.
Noção de esquema corporal, de espaço e direção	<ol style="list-style-type: none"> 1. Confunde noções de espaço. 2. Não percebe perspectiva em desenho. 3. Não entende mapas. 4. Incapacidade de desenhar esquemas. 5. Má disposição de escrita na folha. 6. Dificuldade em armar contas. 7. Demonstrar falhas em desenhar figuras humana. 8. Dificuldade de vestir-se, dar laços, nós, andar de bicicleta, jogar bola, fazer confusões entre esquerda e direita. 9. Andar desajeitado. 10. Incapacidade em reconhecer expressões fisionômicas, discriminar nomes das cores. 11. Dificuldade em reconhecer símbolos matemáticos, em aprender números, em entender os mecanismos das operações e escrita de números.
Noção de tempo, percepção de ritmo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dificuldade em conceitos como antes/depois, ontem/amanhã. 2. Dizer quando começa a semana, meses, dias, anos. 3. Dificuldade em reproduzir ritmos e distingui-los. 4. Ver horas no relógio.
Aspectos clínicos mais gerais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aspectos oftalmológicos: normal, não se encontrou relação entre acuidade visual e dislexia. 2. Fatores auditivos: podem interferir, o disléxicos não integra sons isolados, não chega a dar significado a formas e sons, deficiente memória auditiva. 3. Dominância cerebral: a idéia mais central é que a dislexia e ambilateralidade cerebral ocorrem concomitantemente e que esses fatos sejam causado pela imaturidade cerebral geral. 4. Eletrocefalografia: os estudos não mostram correlação entre anormalidade encefalográfica e dislexia. 5. Testes psicológicos: a dislexia não está relacionada com déficit de inteligência. Costuma apresentar-se em pessoas de nível intelectual normal, podendo ocorrer em indivíduos de inteligência superior

Fonte: Elaboração própria, adaptado de TOPCZEWSKI (2000).

4.2 FONOAUDIOLOGIA

Capovilla e Capovilla (2004), citam a importância do processamento fonológico para a aquisição de leitura e escrita. De acordo com estes autores, as melhores medidas para se adquirir consciência fonológica são as tarefas que requerem a manipulação de segmentos no nível fonêmico. Tais tarefas incluem habilidades de identificar, isolar, contar, adicionar, subtrair e combinar fonemas. Além dessas habilidades fonológicas, há também outras variáveis que são igualmente importantes para tal aquisição, como o nível socioeconômico, a escolaridade dos pais e o tipo de escola que o indivíduo está sendo submetido.

As diretrizes diagnósticas para a dislexia são: rendimento inferior em precisão, velocidade e compreensão leitora, medido por testes padronizados, em relação ao esperado para a idade cronológica e inteligência; leitura/escrita caracterizada por erros, principalmente de origem fonológica; além disso, pode ser observado desenvolvimento tardio da linguagem oral (Organização Mundial da Saúde, 2008).

Segundo Shaywitz (2006) a dislexia é a não decodificação dos sons em palavras ou das palavras em sons, ou seja, o disléxico não consegue perceber os vários sons existentes em uma palavra. As pessoas que têm esse distúrbio apresentam problemas com palavras impressas e escritas.

4.3 PSICOPEDAGOGIA

O papel do Psicopedagogo é investigar os problemas existentes no processo do aprendizagem, sua principal atuação na área educacional é amenizar a dificuldade de aprendizagem das crianças e direcionar da melhor maneira a educação e a formação dos educandos, por meio de **intervenções de aprendizagem do indivíduo ou de um grupo**.

Uma avaliação psicopedagógica é essencial para o profissional observar alguns aspectos, quanto ao histórico familiar, escrita, leitura, sinais neurológicos, aspectos emocionais, entre outros. Tavares (2008), argumenta que o professor deve ler as atividades da criança de tal maneira que ele não subestime a sua habilidade. Respostas orais são as melhores indicações de sua habilidade do que o trabalho escrito. A avaliação deve ser feita de acordo com o seu conhecimento e não com suas dificuldades e seus erros ortográficos.

Outras formas de atuar na intervenção da dislexia em crianças nas séries iniciais é, de acordo com Rodrigues e Ciasca (2016):

- Estimular a habilidade das crianças prestarem atenção aos sons de forma seletiva, ou seja, discriminação e denominação de sons diversos (reais ou gravados), [...];
- Usar rimas para introduzir os sons das palavras. Pode-se usar como estratégias: orientação verbal, músicas, parlendas, poesias infantis com rimas, figuras diversas, dentre outros.[...] introduzir o conceito de que qualquer palavra pode ser rimada; criação de rimas;
- Desenvolver a consciência de que a fala é constituída por sequência de palavras, ou seja, que frases são cadeias linguísticas pelas quais transmitimos nosso pensamento.[...];

- Desenvolver a capacidade de analisar as palavras em sílabas, separando-as e sintetizando-as.[...];
- Desenvolver a consciência de que as palavras contêm fonemas. Explicação verbal, espelhos, observação dos colegas ao falar, cartões com figuras, dentre outros, podem ser utilizados como estratégias[...];
- Introduzir a relação entre grafema/fonema, utilizando-se de explicação verbal, espelhos, observação dos colegas ao falar, cartões com figuras, dentre outros.[...];
- Introdução gradativa das letras e da escrita.[...].

Embora tenhamos em destaque a criatividade do disléxico, o distúrbio traz prejuízos à vida escolar e afetiva dos seus portadores, bem como afeta a administração escolar, que teria de proceder a um esforço adicional para garantir, em princípio, um desempenho mínimo de todos os alunos.

4.4 NEUROPSICOLOGIA

Giacheti e Capellini (2000), afirmam que a dislexia é um distúrbio neurológico de origem congênita, que acomete crianças com potencial intelectual normal, sem déficits sensoriais, com suposta instrução educacional apropriada, contudo, não conseguem desenvolver a habilidade de leitura e escrita. Torna-se mais evidente dos 6 (seis) aos 7 (sete) anos.

Conforme Capellini e Ciasca (2000) os problemas relacionados à leitura podem ser diagnosticados na avaliação neuropsicológica, por meio de alterações fonológicas, manifestadas por dificuldades em acessar e reter informação necessária para a execução do ato de ler e escrever. Os componentes dos fatores neuropsicológicos são:

- a) qualidade do ato motor- para a resposta eficiente;
- b) habilidade em selecionar e manipular estímulos-absorção de estratégias ativas e flexíveis;
- c) habilidade em sustentar o processo mental;
- d) habilidade de ação imediata- realizando interação entre estímulo e resposta.

Apesar de uma criança disléxica possuir inteligência, visão e audição normal, a dislexia não a torna incapaz de ler e compreender. *As dificuldades na dislexia são muitas vezes inesperadas, especialmente quando se considera o nível de outras capacidades cognitivas e a existência de uma instrução adequada. A história de instrução do indivíduo*

é um aspecto crítico para a compreensão da natureza das dificuldades de leitura observadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da literatura, foi observado que a dislexia apresenta características como dificuldades de leitura e escrita. Logo, esse distúrbio/transtorno pode ser amenizado por meio de intervenções contínuas. Vale mencionar que um diagnóstico errôneo ou tardio pode ocasionar problemas aos educandos, pois o fracasso escolar poderá ser atribuído a falta de empenho e/ou preguiça de aprender. Necessita-se ter uma detecção precoce, especialmente na educação infantil, no período de alfabetização, exatamente quando o miúdo possui um maior convívio com a leitura e a escrita de forma mais explícita e necessária. Desse modo, tanto a escola quanto o professor tornam-se elementos fundamentais na intervenção.

Sem dúvida a dislexia deve ser diagnóstica/identificada por rede de múltiplos especialistas para direcionar da melhor forma o ensino-aprendizagem desse aluno. Vale relatar que o professor faz parte dessa mediação.

A atuação de uma equipe Inter/Multidisciplinar nas instituições de ensino é importante sobretudo, na facilitação, na socialização do educando com seus pares, na inclusão, melhorando sempre o convívio, acompanhando o progresso dos alunos, ou seja, a intervenção precoce e sistemática corrobora e amplia o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 2006. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

CAPOVILLA, A. G. S., CAPOVILLA, F. C. Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo: Mennon, 2004.

CAPELLINI, S A ; CIASCA, Sylvia Maria . Eficácia do Programa de treinamento com a consciência fonológica em crianças com distúrbio específico de leitura e distúrbio de aprendizagem. Temas sobre Desenvolvimento, São Paulo, v. 9, n. 52, p. 4-10, 2000.

D'AFFONSECA, S. M. (2005). Prevenindo fracasso escolar: Comparando o autoconceito e desempenho acadêmico de filhos de mães que trabalham fora e donas de casa. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

DEHAENE, S. Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

DSM - IV - TR Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4ª ed. Revisão e tradução: Dornelles C. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

FONSECA, Vitor da. Introdução às dificuldades de aprendizagem . 2ª ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.35.

FRANK. R. A vida secreta da criança com dislexia. São Paulo: M. Books do Brasil, 2003.

FUKUDA, Maryse Tomoko Matsuzawa; CAPELLINI, Simone Aparecida. Programa de intervenção fonológica associado à correspondência grafema-fonema em escolares de risco para a dislexia. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2012, vol. 25, n.4, pp.783-790.

GIACHETI, C. M.; CAPPELINE, S. A. Distúrbio de aprendizagem: avaliação e programas de remediação. São Paulo: Fontis, 2000.

Organização Mundial da Saúde. (2008). Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrição clínicas e diretrizes diagnósticas (ed. rev.). Porto Alegre: Artes Médicas.

MUSZKAT, M; RIZZUTTI, S. Educação & Saúde: O professor e a dislexia. Ed. Cortez: 2012.

OLIVIER, L. Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento. 2.ed. Rio de Janeiro : Wak, 2006.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

RODRIGUES, S. D.; CIASCA, S.M. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. *Rev. Psicopedagogia*, v. 33, n. 100, p. 86, 2016.

SHAYWITZ, S. Entendendo a dislexia : um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Trad. sob a direção de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006. 288/ 77 p.

_____. Entendendo a dislexia : um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Trad. sob a direção de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TAVARES, H. V. **Apoio pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais**, São Paulo, 2008, p. 22.

TOPCZEWSKI, Abram. **Aprendizado e suas desabilidades: como lidar?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

VAN DER VEER & VALSINER. (1996) Vygotsky, uma síntese. Trad. Cecília C. Bartalotti, São Paulo: Edições Loyola.

VERAS, Fernanda de Carvalho. A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual. 49 f. Universidade de Brasília, 2012.

VYGOSTISKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.